



UNIVERSIDADE  
FERNANDO  
PESSOA

Do outro lado do ecrã: o aliciamento sexual de menores através da  
*Internet*  
[*On the other side of the screen: online grooming of minors*]

Projeto de Graduação

I Ciclo de Estudos em Criminologia

Eva Cevadinha, 2022122311

Trabalho efetuado sob orientação do Professor Doutor Luís Santos

2024/2025

Do outro lado do ecrã: o aliciamento sexual de menores através da *internet*

## **Agradecimentos**

A conclusão do presente projeto de graduação não significa apenas o encerramento de mais um capítulo, mas também um reflexo de todo o apoio que tenho vindo a receber de várias pessoas nestes três anos.

Primeiramente, gostaria de agradecer à Universidade Fernando Pessoa por se ter tornado casa durante estes três anos, assim, também expresso a minha sincera gratidão ao meu orientador de estágio, o Professor Doutor Luís Santos por todo o acompanhamento, disponibilidade e orientações, que se demonstraram imprescindíveis para a concretização do meu projeto de graduação.

Aos meus pais, por me proporcionarem a possibilidade de viver o meu sonho de ser estudante de criminologia, obrigada por todo o amor, paciência e incentivo ao longo do meu percurso académico, sem vocês esta conquista não seria possível.

Agradeço ainda, com muito carinho, aos meus colegas e amigos Inês, Lara e Bernardo, por todas as conversas, gargalhadas, momentos de stress e, como é obvio, a todas as sessões de estudo, sem vocês esta caminhada não teria sido a mesma.

Quero agradecer também aos meus restantes familiares e amigos, que me acompanharam e apoiaram com força e ânimo para concluir mais uma etapa da minha vida.

A todos vós, o meu sincero agradecimento.

Do outro lado do ecrã: o aliciamento sexual de menores através da *internet*

## **Resumo**

O presente projeto de graduação pretende abordar as dinâmicas que envolvem o *grooming online*, designadamente estratégias, enquadramento legal, tipologias de ofensores e vítimas, vulnerabilidades e impactos. Com o alastramento da *internet*, o *grooming online* tem vindo a proliferar, tornando esta prática criminal mais complexa e, conseqüentemente, mais difícil de detetar e de combater.

Assim, face este fenómeno, propôs-se um projeto de prevenção em meio escolar para divulgar o conhecimento em relação ao *grooming online* aos alunos, com base na educação entre pares. A intervenção junto dos adolescentes é uma necessidade premente, pois não só apenas por estes serem mais fáceis de aliciar no mundo *online*, como pelo facto de pertencerem a esta nova era digital e utilizarem a *internet* e plataformas digitais no seu quotidiano.

Palavras-chave: *grooming online*, aliciamento sexual de menores, abuso sexual

**Abstract**

This graduation project aims to address the dynamics surrounding the concept of online grooming, including strategies, legal framework, offender and victim typologies, vulnerabilities, and impacts.

With the spread of the internet, it has become a stage for online grooming—a concept that already existed before the advent of the internet. However, the internet introduced this new variant of grooming, making this criminal practice more complex and, consequently, more difficult to detect and combat.

In response to this phenomenon, a school-based prevention project was proposed to raise awareness about online grooming among students, using peer education as the foundation. Intervention with adolescents is a pressing need, not only because they are more easily targeted in the online world, but also because they belong to this new digital age and use the internet and digital platforms in their daily lives.

Keywords: online grooming, sexual solicitation of minors via the internet, sexual abuse, internet, offenders, victims

## Índice

Introdução.....	5
1. Enquadramento teórico.....	6
1.1    Abuso sexual e o grooming.....	6
1.2 <i>Grooming Online</i> .....	8
1.2.1    Anonimidade dissociativa.....	11
1.2.2    Invisibilidade.....	11
1.2.3    Assincronicidade.....	11
1.2.4    Introjeção solipsística.....	12
1.2.5    Imaginação dissociativa.....	12
1.2.6    Minimização da autoridade.....	13
1.3    Enquadramento legal.....	13
1.4    Tipologias de <i>grommers</i> .....	14
1.5    Estratégias utilizadas pelos ofensores.....	17
1.6    Tipologias de vítimas.....	18
1.7    Vulnerabilidades das vítimas.....	19
1.7.1    Individuais.....	19
1.7.2    Características interpessoais.....	20
1.7.3    Vulnerabilidades parentais e familiares.....	21
1.7.4    Vulnerabilidades da comunidade.....	22
1.8    Impactos do grooming online.....	24
1.9    Prevenção.....	25
1.9.1    Inteligência artificial.....	25
1.9.2    Controlo parental.....	25
1.9.3    Educação e Consciencialização.....	26
2    Contribuição empírica.....	27
2.1    Proposta de intervenção.....	27
2.2    Objetivo geral e objetivos específicos.....	27
2.3    Método.....	28
2.3.1    Participantes.....	29
2.3.2    Instrumentos e materiais.....	29
2.3.3    Procedimentos.....	29
2.4    Apresentação e discussão dos resultados esperados.....	30

Conclusão ..... 31

## **Introdução**

O presente Projeto de Graduação foi elaborado no âmbito da licenciatura de Criminologia na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, com o objetivo de compreender o fenómeno do *grooming online*, assim como as suas dinâmicas, características, tipologias de ofensores e vítimas, enquadramento legal e as suas consequências a curto e longo prazo. Como é de conhecimento geral, o espaço virtual, apesar de ser um espaço com potencial educativo e socializador, também se pode revelar um espaço propício à ocorrência de práticas criminais, como o aliciamento sexual de menores, ou o denominado *grooming online* (Davidson & Gottschalk, 2011). Este fenómeno pode-se descrever como um processo em que uma pessoa tenta criar uma relação de amizade com um menor, com o intuito de realizar atos sexuais via *online* e/ou de alcançar um encontro físico com a vítima, em que posteriormente ocorre o abuso sexual (European Online Grooming Project, 2012). Devido à sua natureza, o *grooming online* permite ao ofensor uma vasta seleção de vítimas, possibilitando o contacto com várias em simultâneo e sem sair do conforto da sua casa, sendo necessário apenas um meio de comunicação.

O presente trabalho apresenta uma proposta de intervenção centrada na prevenção do *grooming online*, com recurso à metodologia da educação entre pares. A educação entre pares tem-se demonstrado bem-sucedida na realização de intervenções com crianças e adolescentes, que se mostram mais recetivos a falar sobre determinadas temáticas com outros jovens, devido à proximidade das faixas etárias. Irão ser apresentados os objetivos, o geral e os específicos, os participantes que irão beneficiar deste programa, os instrumentos e os materiais que irão ser utilizados, bem como os procedimentos. Por fim serão discutidos os resultados esperados.

## 1. Enquadramento teórico

### 1.1 Abuso sexual e o grooming

O abuso sexual de menores nos dias de hoje é considerado um problema de saúde pública a nível mundial (Van Gijn-Grosvenor e Lamb, 2021, Laly et al 2024). Segundo a Organização Mundial de Saúde (2017), o abuso sexual de menores existe quando há um envolvimento de uma criança ou adolescente em atividades sexuais com um adulto ou até mesmo com outra criança ou adolescente. Estas crianças ou adolescentes não têm a capacidade de compreender este tipo de atividades e conseqüentemente são incapazes de dar o seu consentimento sobre este envolvimento, podendo também não ter o desenvolvimento adequado para prestar o seu consentimento. O que o ofensor pretende alcançar é a satisfação e gratificação sexual própria ou de terceiros, podendo estas situações ocorrer em contexto intrafamiliar, de namoro ou de relações íntimas.

O abuso sexual pode dividir-se em três tipos: (1) o abuso sexual com contacto físico que engloba condutas como assédio sexual verbal, ameaças de abuso sexual, exposição da criança a conteúdos pornográficos, entre outros, (2) abuso sexual com contacto físico e com relações sexuais, ou seja, violação e agressão sexual e por fim (3) abuso sexual com contacto físico, mas com a exclusão de relações sexuais, como toques inapropriados e beijos (WHO, 2017).

Associado ao conceito de abuso sexual, está o conceito de aliciamento sexual ou *grooming*. O conceito de *grooming* não é um conceito recente (Mc Alliden, 2016). Segundo Lanning (2018), este conceito surgiu pela primeira vez no ano de 1980, porém ainda não houve um consenso entre investigadores sobre uma definição única (Gillespie, 2004). Na literatura, a definição que parece ter ganho mais popularidade entre cientistas é a de Craven et al. 2006, em que define o *grooming* como:

um processo através do qual o agressor prepara a criança, os adultos significativos à sua volta e o próprio ambiente, com o objetivo de facilitar o abuso sexual. Entre os principais objetivos deste processo estão o acesso à criança, a obtenção da sua conivência e a manutenção do segredo para evitar a revelação. Este processo contribui para a consolidação do padrão abusivo do agressor, podendo também ser utilizado como forma de justificação ou negação das suas ações (Craven et al. 2006, p. 297).

De acordo com Craven (2006), existem três tipos de *grooming*: o *self-grooming*, o *grooming de ambiente* e o *grooming de preparação da criança*. O *self-grooming* refere-se ao processo de negar e de justificar que o ofensor tem para com os seus comportamentos abusivos. A primeira tipologia de *grooming* identificada por Craven (2006) foi o *self-grooming*, que pode ser afetado pela reação da criança e da sociedade, assim como pelo seu desfecho, êxito ou fracasso da sua tentativa de vitimizar a criança. Caso a sua conduta se revele bem-sucedida, o ofensor é provável de aumentar o seu nível de justificação e negação para com os seus atos e de posteriormente vir a cometer mais crimes. Contudo, caso a sua conduta tenha resultado em falhanço, isto pode fazer com que o indivíduo ganhe mais motivações para melhorar as suas capacidades para ser bem-sucedido ou então para o dissuadir da realização do crime.

Os ofensores ao justificarem e negarem os seus comportamentos revelam sinais de distorções cognitivas. Estas distorções, de acordo com Ward e Kinan (1999), consistem em teorias implícitas que estes têm para entender o resto do mundo. Porém, o problema surge pela forma de como estas teorias são vistas pelos ofensores, pois estas legitimam as relações sexuais com menores. Logo, devido a estas teorias implícitas, é de certa forma mais fácil o ofensor acreditar que a iniciativa do ato sexual aconteceu por parte da criança, do que este arcar com as consequências dos seus próprios atos. De acordo com Ward e Kinan (1999), estes concluem que o ofensor irá percecionar um comportamento amigável de uma criança como uma forma de querer sexo ou de ser carinhosa.

Em relação ao *grooming de ambiente*, Craven (2006) refere que para que o ofensor consiga aliciar a vítima, é necessário que, *à priori*, este prepare o meio em que a criança está inserida, e, nesse meio, estão incluídas figuras que a criança considera importantes para si. O ofensor, ao contrário do que se pensa, demonstra-se perante a sociedade como uma pessoa amistosa e prestável, porém isto apenas faz parte de uma estratégia para ganhar acesso à criança. Portanto, este cria uma relação de confiança para com os adultos para futuramente ganhar acesso à criança. Logo, segundo a autora, o que pode acontecer aos progenitores, é uma dissonância cognitiva, devido aos pensamentos negativos não coincidirem com a imagem e os comportamentos positivos do ofensor, fazendo com que os progenitores tenham de ajustar a sua perceção em relação a este. Podemos assim, afirmar que quando os *groomers* se introduzem na sociedade, já com o intuito de abusar de uma criança, trata-se de uma ação premeditada. Muitas vezes, após

estes serem denunciados, pode acontecer a comunidade acreditar no ofensor em vez de na criança.

### *Preparação da criança*

Quanto ao *grooming* de preparação da criança, Craven (2006) afirma que esta é a forma mais conhecida de aliciamento sexual. Esta pode incluir dois tipos de comportamentos, o aliciamento físico e o aliciamento psicológico. Enquanto a tipologia física refere-se à progressiva sexualização da relação entre a criança e o ofensor, a tipologia psicológica é utilizada para obter esta sexualização gradual.

Segundo Craven (2006), o que frequentemente ocorre é uma dessensibilização da criança relativamente ao toque, onde o infrator começa por toques sem cariz sexual, como cócegas. Os ofensores podem indo introduzindo toques de cariz sexual, enquanto falam com a criança sobre diversos temas não relacionados com o abuso que está a acontecer, confundindo assim a criança. Assim, a criança pode não ter noção de que o abuso está a acontecer. Sendo o intuito alcançar o abuso sexual, os toques podem ir progredindo, desde o simples ato de pôr a mão por cima da roupa até chegar a pôr a mão por baixo dela ou sem ela.

O aliciamento psicológico também pode ser utilizado para manter a confidencialidade do segredo entre o ofensor e a vítima, usando como técnica o isolamento da criança, afastando-a das outras pessoas fazendo assim com que esta não tenha ninguém a quem contar o abuso. Também podem recorrer ao uso de ameaças e de subornos, podendo dizer à criança que os seus pais ficariam desiludidos e triste se descobrissem que ela anda a fazer estas coisas, ou então, ameaçar que a podem magoar e/ou à sua família. O ofensor irá fazer com que a vítima se sinta culpada e responsável pelo abuso ter acontecido, logo a vítima irá sentir que a culpa é toda sua e então pode não revelar o abuso, pois acredita que os outros podem não acreditar nela (Craven, 2006).

## **1.2 *Grooming Online***

Com o crescente desenvolvimento da *internet*, esta trouxe vários benefícios para a sociedade, porém também trouxe consigo diversas consequências. Cada vez mais cedo, as crianças ingressam na *internet* e nas redes sociais, maior parte das vezes sem a supervisão dos progenitores. O *grooming online*, segundo o *european online grooming*

project (2012), define-se como um processo em que um adulto adiciona uma criança *online*, com o intuito de alcançar contacto sexual via *online* e/ou contacto físico cara a cara. Um dos estudos mais reconhecidos acerca do *grooming online* e que melhor descreve o seu processo, é o estudo de O'Connell (Araújo, Manita e Sani, 2025), que identificou as suas várias etapas. Segundo O'Connell (2003), os predadores vão para diferentes salas de chat e tentam passar despercebidos, fazendo uma breve introdução sobre eles ao grupo, com o objetivo de acreditarem que este também é uma criança. Também pode acontecer que os *groomers* se introduzam num chat para vigiarem uma criança em específico, e como esta se comporta, entrando posteriormente em contacto por mensagens privada. Porém, nem todos os adultos se fazem passar por crianças, chegando mesmo alguns a dar a conhecer a sua idade verdadeira.

Esta identificou cinco etapas, que podem ser variáveis, visto que nem todos os predadores seguem a sequência das fases, havendo alguns que ficam muito tempo em determinada fase e outros que passam à frente em algumas fases. A primeira denomina-se de “formação de uma amizade”, onde o predador tem como objetivo de conhecer a vítima. Este pode nesta fase pedir à criança para que lhe envie uma foto, isto com o intuito de verificar se a criança vai de acordo com os seus padrões e se de facto é mesmo uma criança. Nesta fase as fotografias que são solicitadas são meramente fotografias da criança e não fotografias com teor sexual. A segunda fase denomina-se de “formação de uma relação”, onde o indivíduo procura saber mais sobre a criança, como a sua vida em casa e na escola, hobbies e amizades (O'Connell, 2003; Chiang e Grant, 2017) com o intuito de criar uma ligação especial com ela, criando assim uma ilusão para a criança de que esta tem uma amizade (O'Connell, 2003). A terceira fase é chamada de “avaliação de risco”, em que o ofensor pode realizar diversas perguntas com o objetivo de avaliar se existe risco de ser descoberto (O'Connell, 2003). Essas perguntas podem incluir por exemplo, quantas pessoas utilizam o computador, a localização do computador, avaliando assim a probabilidade de ser descoberto por pais e irmãos. Quando o ofensor chega à conclusão de que a probabilidade de ser descoberto é baixa, isto significa que é possível passar para a próxima fase (Sani, Vara & Dinis, 2024). Em quarto lugar temos a fase de “exclusividade”, onde o adulto procura desenvolver uma relação de confiança para com a criança, assegurando-a de que pode confiar nele (O'Connell, 2003). Porém, esta relação de “amizade” é de carácter exclusivo, pois apenas a criança e o predador podem ter conhecimento que esta existe,

tornando-se um segredo entre ambos. O adulto tende a questionar a criança quanto ao nível de confiança que esta tem para com ele, fazendo com que esta verbalize que confia plenamente no predador. Isto muitas vezes demonstra ser um meio eficaz para a seguinte fase. Por fim, temos a “fase sexual”. Aqui, o predador pode começar a fazer determinadas perguntas que de certo modo até parecem inofensivas, como por exemplo, “já foste beijado(a)” ou “costumas tocar-te” (O’Connell, 2003). Desta forma, o indivíduo vai introduzindo temas de conversa com teor sexual, tentando normalizá-los, com a intenção de manter o envolvimento desta (Chiang e Grant, 2017). Muitas vezes, a forma de como o predador estabelece a conversa, pode ser muito intensa. É nesta fase que o ofensor propõe à vítima um encontro para a realização de relações sexuais, e caso a vítima se recuse a encontrar-se com este, pode recorrer ao uso de ameaças, utilizando informações pessoais que tenha da vítima ou até mesmo imagens íntimas que este possua da mesma (Sani, Vara & Dinis, 2024). Talvez devido à intensidade das conversas, isto pode fazer com que seja difícil para a criança de compreender a situação. Para as crianças que sofreram abuso sexual, os predadores modificam a sua abordagem de forma a tirar o maior proveito possível da situação. Normalmente, existem frases que podem ser utilizadas para manter uma ligação duradoura com a criança, e também para alimentar a fantasia do predador em relação ao carinho e amor que esta nutre por ele (O’Connell, 2003).

Associado ao uso da *internet*, vêm o denominado efeito *da desinibição online*, proposto por Suler. Segundo Suler (2004), este destaca que as pessoas têm determinados comportamentos *online* que não teriam na realidade. Esta desinibição pode ocorrer de forma benigna onde as pessoas expressam as suas emoções e medos, ajudam outras pessoas, entre outros. Por outro lado, esta desinibição também pode ser negativa, denominando-se de desinibição tóxica, onde se experimenta raiva, ameaças, ódio ou até mesmo a exploração do lado negro da *internet*, composto por violência, pornografia e crimes. Assim, Suler (2004) identifica então seis fatores que se envolvem entre si e criam este efeito, nomeadamente: 1. Anonimidade dissociativa, 2. Invisibilidade, 3. Assincronicidade, 4. Introjeção solipsística, 5. Imaginação dissociativa e 6. Minimização da autoridade (Suler, 2004).

### 1.2.1 Anonimidade dissociativa

Segundo Suler (2004), o anonimato é um dos principais fatores que leva a origem do efeito de desinibição. A *internet* proporciona aos indivíduos uma forma de apenas mostrar para o mundo o que querem que as pessoas saibam, podendo esconder parte da sua identidade ou ocultá-la por completo, exemplo disso é o nome de utilizador que pode não existir ou ser fictício. As pessoas tendem a sentir-se menos vulneráveis, e a partilhar mais detalhes sobre a sua vida, ao conseguirem separar a sua identidade do mundo real da identidade do mundo *online*. Ou seja, é como se fossem duas pessoas diferentes, uma que pertence ao mundo *online* e outra ao mundo *offline*. Assim, o que estes indivíduos fazem ou dizem na *internet* não pode ser interligado ao seu eu do mundo real. A dissociação pode chegar a ser tão forte, que os indivíduos podem convencer-se a si mesmos que aqueles comportamentos *online* “não são eles”, o que leva a que quando se fala de comportamentos desviantes, estes possam desresponsabilizar-se dos seus atos.

### 1.2.2 Invisibilidade

Para Suler (2004) muitos dos contextos *online*, principalmente aqueles em que se comunica por mensagem de texto, os utilizadores não se conseguem ver uns aos outros, tanto que em alguns destes contextos *online*, às vezes, é impossível identificar quem está presente nestes, proporcionando uma sensação de coragem devido à invisibilidade, o que permite a realização de comportamentos que sem esta não fariam. A invisibilidade acaba por se misturar com o anonimato, porém, nestes contextos *online*, como chats e emails, mesmo que o indivíduo partilhe informação pessoal, estes ainda não se conseguem ver nem ouvir. O facto de poder ser fisicamente invisível impulsiona o efeito de desinibição. Ao não estarem presentes fisicamente, os indivíduos não precisam de se preocupar com a sua aparência ou com as reações dos outros. Assim, ao não presenciar expressões de desagrado dos outros, como suspiros ou abanos de cabeça, isto permite que os indivíduos se consigam exprimir mais facilmente, ao contrário da realidade, pois alguns indivíduos perante estas reações, poderiam inibir-se a si próprios de exprimir o que sentem.

### 1.2.3 Assincronicidade

Suler (2004), afirma que as plataformas *online* permitem algo que na vida real não é possível, a assincronicidade. Nestas plataformas é possível duas pessoas não

comunicarem em tempo real, ou seja, podem demorar minutos, horas ou dias a responder a uma mensagem, ou seja, isto acaba por desinibir o indivíduo pois não tem de lidar com a resposta imediata. Muitas vezes, as pessoas têm tendência em enviar mensagens emocionais ou vulneráveis e a demorar a responder, de forma a apenas abrirem a mensagem quando se sentirem confortáveis para fazê-lo, usando assim a assincronicidade como um método de fuga.

#### **1.2.4 Introjeção solipsística**

Suler (2004) refere que devido à falta de interação presencial entre duas pessoas quando estão a trocar mensagens, pode ocorrer a pessoa sentir que a sua mente se une com a mente da pessoa que está a comunicar, isto faz com que esta ao ler as mensagens, seja atribuída mentalmente uma voz e até mesmo uma imagem a esta pessoa. Devido ao facto de não ser possível ver nem ouvir a outra pessoa, a nossa mente cria uma personagem tendo em conta o que a pessoa escreve (Cheung et al., 2020), mas também baseado em medos, experiências passadas e desejos (Suler, 2004). Com o tempo, esta personagem torna-se tão poderosa ao ponto do indivíduo conversar consigo mesmo, pensando que isto apenas está a acontecer no seu espaço mental e não na realidade. Portanto, o indivíduo pode andar o dia todo a fantasiar com cenários mentais, como discutir com o patrão, confessar sentimentos, ou seja, fazer tudo o que na vida real não teria coragem de fazer. O indivíduo chega mesmo a ouvir esta voz enquanto lê a mensagem do outro, em que a conversa chega a ser feita inconscientemente consigo mesmo, o que promove a desinibição, pois a este ponto é mais seguro falar consigo mesmo do que com os outros (Suler, 2004).

#### **1.2.5 Imaginação dissociativa**

Segundo Suler (2004), a imaginação dissociativa faz com que o sujeito crie um mundo imaginário nas plataformas *online*, como a criação de personagens, onde neste mundo online, as regras são diferentes das do mundo real. Assim, quando o aparelho que utilizam é desligado, estes podem esquecer esta identidade e este mundo que criaram *online*, e voltar à vida real. Isto faz com que haja uma desresponsabilização das suas condutas no mundo *online*, visto que segundo estes, este mundo não tem nada a ver com a realidade.

### **1.2.6 Minimização da autoridade**

Por fim, Suler (2004) sugere que normalmente as pessoas tendem em demonstrar a sua autoridade na forma de como falam, se vestem, se comportam, porém, no espaço digital, mais especificamente na troca de mensagens, isto não é possível, o que leva a uma diminuição do impacto da sua autoridade. As pessoas quando estão perante uma figura de autoridade no mundo real, tendem a ter mais cautela, ou a deixar de falar determinadas coisas por medo de desaprovação, ou de ser sancionado (Suler, 2004). Porém, no mundo digital estas figuras de autoridade podem dar a ilusão de que são apenas amigáveis, diminuindo assim o sentido de autoridade, o que faz com que as pessoas tenham uma tendência maior para falar o que acham e para se comportarem de forma errada (Mueller-Coyne et al., 2022, Suler, 2004).

### **1.3 Enquadramento legal**

O tema do *grooming online* tem vindo a ser alvo de variados debates jurídicos internacionais, especialmente devido ao uso crescente das redes sociais, salas de chats, jogos *online* por parte das crianças e jovens. Visto isto, a Convenção do Conselho da Europa para a Proteção das Crianças contra a Exploração Sexual e os Abusos Sexuais, mais conhecida por Convenção de Lanzarote, foi retificada. Esta passou a incluir o artigo número 23º denominado de “Abordagem de crianças para fins sexuais”.

No ano de 2015, Portugal adicionou o artigo 176º-A ao Código Penal referente ao aliciamento de menores para fins sexuais, através das tecnologias da informação e de comunicação. O aliciamento de menores para fins sexuais através das tecnologias da informação e de comunicação está previsto no artigo 176º-A, mais concretamente no Capítulo V, secção II referente aos crimes contra a autodeterminação sexual. Este artigo foi adicionado ao regime jurídico português, com uma adenda ao artigo 176º referente à pornografia de menores. Portanto, o artigo 176º-A declara o seguinte, “quem, sendo maior, por meio de tecnologias de informação e de comunicação, aliciar menor, para encontro visando a prática de quaisquer dos atos compreendidos nos números 1 e 2 do artigo 171.º e nas alíneas a), b) e c) do n.º 1 do artigo anterior, é punido com pena de prisão até 1 ano.” Assim, como “se esse aliciamento for seguido de atos materiais conducentes ao encontro, o agente é punido com pena de prisão até 2 anos”. O artigo 176-A refere que ao utilizar os meios de tecnologia de informação e de comunicação, o adulto pretende encontrar-se fisicamente com o menor, porém, nem são todos os

ofensores pretendem encontrar-se com os menores, ficando muitas vezes só pelo contexto *online* (Briggs et al. 2011). Logo a tipificação desta prática criminosa apenas se cinge à interação do adulto com a criança no mundo real, não tendo em conta as interações entre ambos no mundo digital (Barbosa, 2018).

#### **1.4 Tipologias de *grommers***

Os *groomers* caracterizam por serem um grupo não homogéneo (Ioannou, 2018; van Gijn-Grosvenor e Lamb, 2021). Relativamente às tipologias do grooming, foi possível identificar 3 autores principais que nomearam diversas tipologias de ofensores. De acordo com o European online grooming project (2012), estes conseguiram identificar três tipos de *groomers*, o *intimacy seeking*, *adaptable style* e *hyper-sexualized*.

O *grommer intimacy seeking* é um indivíduo que não possui condenações por crimes de natureza sexual. Este tem uma perceção que a relação que mantêm com a criança é consentida, e por isso não tem problemas em revelar a sua identidade, apenas querem ser aceites como são. Não têm qualquer tipo de comportamento sexual ilícito e não apresentam contacto com outros ofensores sexuais. Normalmente dedicam muito do seu tempo a conversar com o menor antes de sugerir um encontro, com o objetivo de aprofundar os laços da sua relação.

Em seguida temos o *grommer adaptable style*, que por sua vez já tem normalmente um histórico de antecedentes de crimes sexuais contra menores. Não pretendem criar qualquer ligação, pois o objetivo é satisfazer os seus desejos e acreditam que a criança já possui maturidade suficiente para dar o seu consentimento. Assim, como os *groomers* de *intimacy seeking*, estes não possuem contacto com outros ofensores, porém, já são possuidores de conteúdo pornográfico infantil. Uma das características destes indivíduos, é a sua capacidade de adaptação, pois adaptam a sua personalidade e a sua forma de aliciar conforme a reação da vítima. A forma como desenvolvem o contacto com a criança, irá depender da resposta desta, podendo o contacto ser célere ou progressivo. Os *adaptable groomers* recorrem à utilização de pastas ocultas e de dispositivos adicionais, como computadores ou telemóveis para realizar o *grooming online*.

Por fim, os *grommers hyper-sexualized*, ao contrário dos outros dois grupos anteriores, estes tanto possuem conteúdo pornográfico infantil, como também mantêm contacto

Do outro lado do ecrã: o aliciamento sexual de menores através da *internet*

com outros ofensores. É recorrente o uso de identidades falsas, muitas vezes optando por fotos de perfil diferentes ou fotos com conotação sexual. O contacto que tem com as vítimas é sempre de natureza sexual, tendo uma tendência para aumentar rapidamente. Normalmente tratam as crianças como um mero objeto, e não como um ser humano, isto é denominado de processo de desumanização. Normalmente, costumam marcar encontros presenciais com as vítimas. Alguns destes indivíduos possuem antecedentes devido à posse de material pornográfico infantil.

De acordo com uma investigação realizada por Briggs et al, (2011), este vem apresentar 2 tipologias de ofensores, segundo as suas motivações, dividindo-os em 2 grupos: os *contact driven* e os *fantasy-driven*.

Os *fantasy-driven* são caracterizados como indivíduos cujo objetivo é obter contacto sexual via *online*, porém sem ocorrer nenhum encontro face a face. Os indivíduos desta tipologia envolviam-se em vários comportamentos de teor sexual *online*, como por exemplo, *cybersex* e exibicionismo, projetado para a criança através de uma câmara, ou seja, consistia em o ofensor mostrar as suas partes íntimas a esta. A motivação era para que o clímax sexual ocorresse via *cybersex*. Estes indivíduos eram classificados como tal, se demonstrassem envolvimento em masturbação mútua com as vítimas, *cybersex* e ou exibicionismo com o clímax a ocorrer durante o *cybersex*. A relação destes indivíduos para com as suas vítimas durava em média 32,20 dias e no máximo 180. Estes indivíduos por norma eram mais velhos e eram casados ou divorciados antes da detenção, apresentando uma baixa taxa de desemprego. Este grupo também apresentou ter conversas explícitas sobre comportamentos sexuais com os menores, com o intuito de lhes dar a conhecer os seus comportamentos ou para incentivar as vítimas a realizarem comportamentos semelhantes. Muitos dos indivíduos apresentavam vários comportamentos de *cybersex*, tendo alguns iniciado o contacto com os menores já despido e com a câmara ligada. Esta tipologia de ofensores era muitas das vezes diagnosticada com parafilia, assim como transtorno de personalidade narcisista. Tendem a masturbar-se mais que os *contact-driven*. Os *fantasy-driven*, apenas recorrem ao uso da *internet* para conseguir estabelecer uma conexão com os menores, para depois alcançar posteriormente *cybersex* ou masturbação.

Os *contact-driven*, têm como objetivo o envolvimento num encontro sexual *offline* com o menor. Verificou-se mensagens de cariz sexual entre ambos, com o intuito de aliciar a

vítima a sair de casa e comparecer a um encontro presencial. Os participantes eram considerados *contac-driven* se houvesse uma tentativa por parte destes de marcar algum encontro *offline* com as vítimas, deixando marcado data, horas e local. A maior parte dos indivíduos tentaram marcar encontros com as vítimas, em menos de 24h de conversas *online*. 93,3% dos indivíduos marcaram encontros com as suas vítimas, enquanto 80 % tentaram fazê-lo. Maior parte das relações estabelecidas *online* foram de curta duração, devido à disponibilidade destes ofensores em conhecer a vítima.

Algumas das características destes indivíduos, eram a sua idade e o seu estado civil, visto que apresentavam ser relativamente novos e grande parte nunca tinha sido casado. Para além disso, apresentavam baixos níveis de educação. Esta tipologia de ofensor estava pouco envolvida com outros tipos de comportamentos sexuais, com a exceção do *grooming online*. Este grupo também demonstrava interesse em ofensas de contacto físico e níveis de masturbação baixos, ao contrário do grupo anterior.

De acordo com Martellozo (2010), esta não menciona tipos de ofensores, mas sim um espectro entre o *groomer hyper-confident* e o *groomer hyper-cautious*, visto que dada a fluidez das características humanas, não seria possível categorizar um ofensor numa determinada tipologia.

Segundo Martellozo (2010), os *hyper-confident groomers*, quando criam um perfil em alguma plataforma, podem optar por um perfil decente ou indecente. Quando decidem optar por uma tipologia de perfil *online* decente, este pode incluir por exemplo, uma foto do ofensor para que a criança se sinta confortável e também despoletar a sua curiosidade. Quando optam por um perfil indecente, este já publica conteúdo de teor sexual, como por exemplo, fotos suas desnudas, deixando bem explícito por vezes o seu interesse sexual.

Por sua vez, *groomers hyper-cautious* segundo Martellozo (2010), caracterizam-se por *groomers* que ao contrário dos *hyper confident*, não publicam nada sobre si no seu perfil. Podem por exemplo, publicar desenhos animados e fotos de brinquedos. A realidade é que estes ofensores têm tanto medo de serem apanhados, que tomam as devidas providências para se certificarem que estão a falar genuinamente com uma criança e não com um adulto que se esteja a passar por criança, isto pode incluir pedir para realizar uma vídeo-chamada, um áudio da voz, entre outros. Estes apenas

começam a aliciar verdadeiramente uma criança quando têm certeza de que estão a falar com uma, caso esta confirmação não aconteça, apenas passam a falar com outra vítima. Segundo a polícia, estes ofensores são difíceis de identificar e costumam mentir compulsivamente, por isso, podem ser considerados perigosos, pois a polícia não possui qualquer informação sobre estes.

### **1.5 Estratégias utilizadas pelos ofensores**

Para que os ofensores consigam realizar o processo de grooming nos menores, estes têm de recorrer a algumas estratégias. Após uma revisão literária, foi possível identificar a vasta diversidade de estratégias utilizadas pelos ofensores, pelo que, a autora optou por selecionar as mais frequentes e também aquelas que se apresentam mais relevantes para este estudo. As estratégias mais utilizadas pelos *groomers* para praticar o *grooming online* são (1) secretismo, (2) avaliação de risco, (3) sexualização, (4) engano, (5) contacto constante, (6) planejar encontro, (7) criação de uma ligação.

(1) O secretismo é uma das técnicas utilizadas pelos ofensores, que tem como objetivo a manutenção da relação entre a criança e o adulto em segredo, encorajando-a a manter o segredo (Whittle et al 2014). Porém, de acordo com Whittle et al (2014), grande parte das crianças guardava o segredo para que a própria família não descobrisse sobre a relação ou sobre o ofensor. As vítimas queriam manter a relação em segredo de tal forma, que as próprias acabavam por adotar estratégias para a sua relação com o ofensor não ser descoberta, como por exemplo, mentir sobre onde se encontravam, apagar mensagens, mudar o nome do contacto do ofensor e terminar a conversa quando os pais apareciam.

(2) A avaliação de risco, é a forma que os ofensores têm de ter certeza de que estão a falar na realidade com uma criança e não com polícias infiltrados (Briggs et al.2011), assim, os ofensores tendem a questionar sobre a vida da criança em casa, abordar a diferença de idades entre ambos (Chiang e Grant, 2017) e horários da criança e dos pais (Berens et al, 2023).

(3) A sexualização. Esta estratégia consiste na sexualização gradual da relação (Williams et al, 2013), assim, o processo de sexualização poderia englobar várias formas como por exemplo, enviar e receber fotos de teor sexual, assim como vídeos, conversas de conotação sexual (Whittle et al.,2014).

(4) O engano é outra estratégia utilizada pelos ofensores durante o processo de *grooming online*. Este recurso consiste em mentiras sobre os interesses do ofensor, bem como sobre a sua identidade (Whittle et al., 2014). Muitas vezes, os ofensores tendem a mentir sobre a sua idade, mas foi constatado que muitos dos menores que comunicavam com estes ofensores *online* tinham plena consciência de que estavam a falar com um adulto e não com outro menor (Whittle et al., 2013b). O facto das vítimas terem consciência de que estão a falar com um adulto e, ainda assim, continuarem a comunicar com este demonstra o quão forte pode ser o *grooming online* (Whittle et al., 2013b).

(5) Contacto constante. A maior parte das vítimas reportaram falar constantemente com os ofensores, em que o contacto poderia ser feito por vários meios, como mensagens, chamadas e videochamadas. As vítimas falavam com o ofensor durante o dia todo e às vezes à noite, o que fazia com que estas desenvolvessem um certo tipo de dependência pelo contacto com o ofensor (Whittle et al. 2014).

(6) Planear encontro. Apesar de nem todos os ofensores desejarem encontrar-se com as vítimas no mundo *offline*, uma das estratégias é a tentativa de se encontrar com as mesmas, assim, o ofensor tenta planear encontrar-se fisicamente com o menor, sugerindo até medidas de segurança para se encontrarem (Chiang e Gant, 2017), tendo a intenção de consumir atos sexuais com esta (Berens et al, 2023). Porém, a consumação dos encontros sexuais nem sempre acontece, por vezes a intenção de marcar os encontros sexuais serviria apenas para alimentar as suas fantasias sexuais (Kloess et al. 2017).

Por fim, a (7) Construção de uma ligação, consiste em construir e manter uma relação de confiança com a vítima, assim, os ofensores recorrem a várias maneiras para contruir uma ligação com o menor, estas vão desde perguntas sobre por exemplo, a sua idade, localização e hobbies (Chiang e Grant, 2017). Existe também uma necessidade de demonstrar simpatia e confiança para com a criança (McAlliden, 2006, Chiang e Grant, 2017).

## **1.6 Tipologias de vítimas**

De acordo com o European online grooming project (2012), estes identificaram duas tipologias de vítimas, os *vulnerable young people* e os *risk-taking*.

Os *vulnerable young people*, caracterizam-se por jovens que apresentam certas características como, timidez, carência, solidão, infelicidade, que coexistem com algum tipo de transtorno psicológico e/ou com problemas a nível do seio familiar. Estes jovens também podem apresentar histórico prévio de automutilação e /ou de abuso sexual, assim como uma baixa autoestima ou viver em ambientes familiares de contextos mais complicados em que houve abuso, negligência e até mesmo acolhimento familiar. Assim, a atenção dada pelo ofensor à criança via *online* preenche as necessidades que esta apresenta, como, atenção, apoio, carinho entre outras.

Os jovens *risk-taking*, por sua vez, caracterizam-se por jovens que apresentam uma vida *online* bastante social, confiança e extroversão. Estes tipos de vítimas, segundo os ofensores, publicavam fotos provocadoras, iniciavam as conversas de conotação sexual, tinham nomes de utilizador de cariz sexual, o que era interpretado pelos *groomers* como uma forma de provocação ou de consentimento pelo contacto sexual que se viria a desenrolar. Porém, segundo os ofensores, esta personalidade extrovertida e social não se espelhava na realidade, pois no contexto presencial estes menores eram imaturos, careciam de atenção e eram ingénuos. É importante ressaltar que apesar dos jovens terem ou não de facto iniciado o contacto de teor sexual com os ofensores, isto não desresponsabiliza os ofensores das suas ações.

## **1.7 Vulnerabilidades das vítimas**

As vulnerabilidades que fazem com que uma criança esteja mais suscetível a tornar-se uma vítima de aliciamento sexual *online*, dividem-se em 3 categorias, as vulnerabilidades individuais, parentais, familiares e comunitárias.

### **1.7.1 Individuais**

#### **1.7.1.1 Género**

Estudos vieram demonstrar que tanto no aliciamento sexual *offline* como no *online*, as raparigas têm mais probabilidade de serem vitimizadas (Whittle et al., 2014, Whittle et al., 2013a) Mitchell, Finkelhor, & Wolak, 2007a). Segundo O'Leary & Barber,( 2008, como citado por Whittle et al.,2013a), apesar das raparigas apresentarem índices de vitimização mais altos que os rapazes, isto não significa que estes também não sofram de aliciamento sexual *online*, visto que também há um número considerável de vítimas

do sexo masculino, porém, devido ao estigma que existe em relação aos homens de serem vítimas, grande parte dos casos não são denunciados.

### **1.7.1.2 Idade**

Os autores defendem que isto pode acontecer mais nos adolescentes devido aos níveis de comunicação e variedade de acesso dos mesmos, (Whittle et al.2013a ;Livingstone et al., 2011b; Munro, 2011), assim como também pode ocorrer devido à natureza da própria adolescência, visto que é um período na vida dos adolescentes em que ocorrem mudanças tanto a nível cognitivo, biológico e psicológico (Blakemore & Choudhury, 2008; Irwin, Burg, & Cart, 2002; Soto, John; Gosling, & Potter, 2011). Esta fase da vida dos jovens é marcada pelo desejo em estabelecer mais ligações, o que pode levar à busca de experiências sexuais (Quayle et al., 2012), procurando muitas vezes atenção e necessidade de serem aceites e validados (Dombrowski, LeMasney, Ahia, & Dickson, 2004).

## **1.7.2 Características interpessoais**

Foram identificadas algumas vulnerabilidades que as vítimas do *grooming online* costumam apresentar, como baixa autoestima e perturbações psicológicas, o que leva a serem mais propensas ao *grooming online* (European Online Grooming Project 2012). Portanto, a depressão, as perturbações psicológicas e os comportamentos delinquentes podem levar a uma predisposição para serem vítimas de *grooming online* (Mitchell et al., 2001; Mitchell, Ybarra, & Finkelhor 2007; Wolak et al., 2004; Wolak et al., 2008), Vítimas que apresentam personalidades com falta de autoconfiança e uma baixa autoestima, têm um maior risco de vitimização, porém, de acordo com European online grooming project (2012), este apontou que os *risk takers*, que se caracterizam por pessoas mais extrovertidas, confiantes e sociais, também podem ser vítimas de *grooming online*, devido aos seus comportamentos de risco. Portanto, Livingstone e Helsper (2007), afirmam que a forma como os jovens interagem virtualmente, irá ser um reflexo dos seus traços psicológicos.

### **1.7.2.1 Deficiências**

Segundo Livingstone e Bober (2005, como citado em Whittle et al.,2013a), os menores que sofrem de algum tipo de debilitação utilizam menos a *internet* do que aqueles que carecem dessas debilitações. Portanto, apesar destas crianças visualizarem a *internet*

como um meio onde podem obter suporte e conforto, pois na sua vida *offline* podem se sentir excluídos, por outro lado, o mundo digital também possibilita que esta exclusão seja feita, apesar de oferecer pontos positivos como desenvolvimento de diversas interações sociais (Söderström, 2009). Este grupo de pessoas também apresenta uma maior vulnerabilidade ao *grooming online*, quando se fala na questão dos contactos via *online* passarem para via *offline* (Livingstone et al.2011a). Os indivíduos que possuem debilidades a nível de aprendizagem, demonstram ser vítimas especialmente vulneráveis, pelo facto de que o ofensor tem uma maior facilidade em praticar o *grooming online*, pois estas, podem não reconhecer que não devem confiar nos ofensores (Sorensen & Bodanovskaya, 2012 como citado em Whittle et al.,2013a). Porém, também existem outros fatores que podem relacionar-se e contribuir para a vulnerabilidade *online* destas vítimas, nomeadamente estes podem ter uma pobre imagem de si mesmo, presenciarem conflitos intra-familiares e apresentarem problemas psicológicos (Sorensen & Bodanovskaya, 2012 como citado por Whittle et al.,2013a).

### **1.7.3 Vulnerabilidades parentais e familiares**

#### **1.7.3.1 Família**

De acordo com diversos autores, o facto de haver conflitos entre menores e os pais ou problemas familiares, são considerados fatores de risco para uma maior vulnerabilidade *online* (Mitchell et al., 2007; Wolak et al., 2004; Wolak et al., 2008), assim, como o facto de haver separação dos progenitores ( Whittle et al.2013a). Sendo estes um fator de risco, os ofensores podem percecionar isto como uma oportunidade de aliciar crianças, pois estes têm conhecimento que estas normalmente procuram atenção, suporte de alguém que conseqüentemente não conhecem na *internet* (European Online Grooming Project, 2012). A probabilidade de vivenciar episódios de contacto sexual com adultos, aumenta nestes casos de insatisfação familiar. Brå (2007, como citado em Whittle et al.,2013a).

Também foi apontado por diversos autores, que o facto dos pais vigiarem as atividades *online* dos adolescentes, faz com estes sejam menos propensos a ter experiências negativas (Soo & Bodanovskaya, 2012 como citado em Whittle et al.,2013a). As crianças que têm consciência que estão a ser monitoradas pelos seus pais quando estão a usar a *internet*, apresentam menos chances de ter conversas sexuais digitalmente, logo ao vigiar de forma mais atenta, pode reduzir o risco do aliciamento sexual *online*

(Whittle et al., 2013a). Um fator que também tem sido considerado de risco para o aliciamento sexual *online*, visto que se tornam mais vulneráveis, é o consumo de álcool por parte dos pais (Suseg et al., 2008).

### **1.7.3.2 Estado económico**

Não existem muitos estudos que estabeleçam uma relação entre o *grooming online* e as condições económicas (Whittle et al., 2013a), contudo, a acessibilidade pode contribuir para que a criança seja abordada de forma sexual por ofensores. (Livingstone et al., 2011b). Portanto, uma criança com mais possibilidades económicas e acesso a vários dispositivos, passa mais tempo na *internet*, conseqüentemente, estando mais propensa a riscos *online*. (Livingstone, Bober, & Helsper 2005) Segundo Livingstone et al. (2011b), apesar dos jovens com mais recursos económicos estarem mais expostos ao risco de serem vítimas de *grooming online*, demonstram-se mais resistentes aos riscos *online*, ao contrário dos jovens de classes económicas mais baixas, que apresentam ser impactados emocionalmente de forma mais forte quando enfrentam estes riscos.

## **1.7.4 Vulnerabilidades da comunidade**

### **1.7.4.1 Amizades**

É preciso ter em conta a vulnerabilidade social dos jovens ao avaliar a sua probabilidade para serem vítimas de aliciamento sexual *online* (Whittle et al., 2013a). Ofensores *online*, tendem a escolher as suas vítimas com base no seu isolamento perante as outras crianças, ou consoante a sua exclusão de grupos, logo se a criança tem poucos amigos ou nenhum, é um ponto positivo para a aproximação do indivíduo da criança (European Online Grooming Project, 2010 como citado em Whittle et al., 2013a). A falta de amigos para a distraírem ou a avisarem sobre o perigo de falarem com desconhecidos na *internet*, ficam conseqüentemente mais vulneráveis ao *grooming online* (European Online Grooming Project, 2010 como citado em Whittle et al., 2013a). Uma das características da vulnerabilidade social, é a solidão, o que pode ser um risco, pois os ofensores reconhecem essa solidão, sendo isto um benefício, pois estas crianças carecem de atenção, e os ofensores usam assim isso a seu favor. (Berson, 2003; Wolak et al., 2004). Alguns jovens por apresentarem dificuldades em estabelecer amizades, podem recorrer a salas de chat como forma de fazer amizades, o que acaba por ser um risco para conversas de teor sexual (Peter, Valkenburg, & Schouten, 2005). Estudos também demonstram que os níveis de satisfação com a própria vida, estão relacionados

com as relações que a criança tem com aqueles que fazem parte dela, o que também impacta o nível de vitimização, pois quão mais a criança tiver satisfeita com a sua vida e tiver um bom suporte, menos vulnerável ao *grooming online* irá estar (Suldo & Huebner, 2006).

#### **1.7.4.2 Ambiente escolar**

A escola é um local onde as crianças passam mais tempo, para além do seu seio familiar. De acordo com Bra (2007 como citado em Whittle et al.,2013a), quando a criança presencia um grau de insatisfação com a escola, esta pode estar mais vulnerável a sofrer abuso sexual, seja este *online* ou *offline*. Estudos também apontam que as crianças que têm níveis de educação mais altos, são mais difíceis de estarem em risco de sofrer abuso sexual *online*, ao contrário das crianças que apresentam níveis de educação menores. (Graaf & Vanwesenbeeck, 2006 como citado por Whittle et al.,2013a). Não existe uma relação direta entre sucesso escolar e o *grooming online*, muito pelo contrário, pode existir uma relação muito dúbia. Estudos sugerem que a falta de insatisfação e as dificuldades escolares, poderão classificar-se como fatores de risco contribuidores para tornar uma criança mais disponível a ser abordada sexualmente *online*. (Whittle et al., 2013a).

#### **1.7.4.3 Ambiente onde habita**

Características ambientais como pobreza, famílias em que a mulher tem o papel principal, muitos filhos e falta de coesão social, são fatores que quando presentes em ambientes em que as crianças vivem, estas podem estar mais suscetíveis ao abuso. (Coulton, Korbin, & Su, 1999). Verificou-se que as crianças que residem em áreas rurais têm um maior acesso às redes sociais, enquanto as crianças que residem em contexto urbano têm mais acesso a telemóveis (Ofcom, 2008). Segundo Whittle et al,(2013a), os jovens que residem em zonas rurais possivelmente usam mais as redes sociais e menos os telemóveis, devido à pouca quantidade de meios de transporte disponíveis para se encontrarem com os seus amigos, e também podem vir a sofrer de problemas de rede devido a habitarem num contexto rural. Estudos indicam que os jovens tendem a falar com desconhecidos *online* quando se sentem aborrecidos, logo por habitarem num local onde não há tanto estímulo, pode fazer com que procurem esse estímulo ao falar com desconhecidos na *internet*, fazendo com que estejam mais vulneráveis a serem aliciados sexualmente *online* (Whittle et al, 2013a).

### **1.8 Impactos do grooming online**

Segundo Schmidt et al. (2023), menciona os impactos imediatos e a longo prazo do *grooming online*. Esta autora realizou uma investigação onde analisou pessoas que já tinham sido vítimas de *grooming online*. Identificou primeiro os denominados impactos no eu, quando se trata de impactos imediatos, os entrevistados relataram isolar-se tanto da sua família como dos seus amigos, isto porque não se sentiam confortáveis para dialogar com os pais sobre o ocorrido. Os jovens também alegaram sentir vergonha ao encontrarem-se com alguém que tinha visto as suas fotos e até mesmo medo que o ofensor pudesse descobrir onde esta se encontrava. Em relação a impactos a longo prazo, alguns participantes relataram terem dificuldades em receber apoio dos amigos após o ocorrido, ou terem vergonha do que os amigos pudessem pensar se descobrissem sobre o que tinha acontecido. Para além destes impactos na amizade, as vítimas também relataram que a experiência de *grooming online* trouxeram impactos nas relações amorosas. Alguns participantes relataram sentir dificuldades em estabelecer limites devido à manipulação e coerção que sofreram no passado, e uma extrema sexualização para corresponder às necessidades sexuais do parceiro. Demonstraram ainda, sentimentos de desconforto e insegurança, por saber que houve fotos divulgadas devido ao ocorrido, e por futuramente terem de partilhar isso com os seus parceiros.

Relativamente aos impactos psicológicos, a autora ressalta que estes estão interligados com os impactos do eu. Os impactos imediatos caracterizaram-se por sentimentos de vergonha e culpa pelas suas ações, dificuldades em ultrapassar o que tinha acontecido, devido à prévia relação que tinham com o ofensor, realização de práticas de mutilação, por ser a única forma para lidar com a situação, ou por sentirem dificuldades em ser compreendidos. Para além disto, também relataram dificuldades em arranjar motivação para realizar trabalhos escolares e até mesmo em praticar hobbies. Em relação aos impactos a longo prazo, os entrevistados relataram não ter reparado nas consequências que a experiência de *grooming online* teria causado na sua saúde mental, chegando muitos destes apenas a aperceber-se de ansiedade, baixa autoestima e desconforto, muito tempo depois. Muitas vítimas também apresentaram dificuldade em aceitar que não eram culpados pelo que tinha acontecido. Os entrevistados foram diagnosticados com vários tipos de problemas de saúde mental, como por exemplo, ansiedade, perturbação pós-traumática, transtorno obsessivo compulsivo, assim como sentimentos

Do outro lado do ecrã: o aliciamento sexual de menores através da *internet*

de vulnerabilidade e impotência por não conseguirem fazer nada em relação às fotos íntimas que tinham sido partilhadas na *internet*.

## **1.9 Prevenção**

Dada a complexidade do fenómeno, este conseqüentemente também irá necessitar de estratégias e tecnologias para reduzir a probabilidade dos menores de se tornarem vítimas deste tipo de prática criminosa. Algumas das estratégias implementadas para combater o fenómeno, são o recurso à inteligência artificial, o controlo parental e a educação e consciencialização.

### **1.9.1 Inteligência artificial**

O uso de inteligência artificial transformou-se numa ferramenta fundamental para a deteção e prevenção do *grooming online* (Kupcová et al., 2024). Existem assim, sistemas com recurso à inteligência artificial, que têm como intuito de detetar determinados comportamentos e linguagens que possam ser perigosos (Razae et al., 2023). Pode-se proceder então ao uso de *Machine learning algorithms*, que é utilizado para treinar sistemas de inteligência artificial para reconhecerem padrões de *grooming online*, assim estes (Kupcová., 2024), analisam interações que ocorrem na *internet* e identificam características comuns de comportamentos que possam ser prejudiciais (Halbouni et al., 2022). Também se pode recorrer ao uso de NLP, que é um ramo de inteligência artificial, que pode ser utilizado para identificar linguagem nociva para as crianças/adolescentes em conversas *online* (Kupcová et al., 2024).

### **1.9.2 Controlo parental**

O controlo parental tem-se vindo a demonstrar um fator de proteção especialmente forte, no que toca à prevenção do *grooming online* de menores. O controlo parental engloba diversos métodos que auxiliam os pais a controlar as atividades dos menores, enquanto estes navegam no mundo digital. Alguns destes métodos são: (1) Controlo do tempo, assim como o nome indica, consiste em estabelecer limites em relação ao tempo que as crianças podem navegar na *internet* (Kupcová et al., 2024). (2) Personalização dos navegadores, em que ao personalizar os navegadores que podem ser utilizados pelas crianças, isto permite que estas não tenham acesso a sites ou conteúdos que sejam inapropriados (Sciacca et al., 2022). (3) Monitorização de softwares, este método permite que haja uma monitorização dos conteúdos vistos pelas crianças, assim como os sites que foram visitados (Kupcová et al., 2024). (4) Filtrar softwares, ao filtrar os

softwares é possível predefinir quais os sites a que a criança tem acesso, bloqueando assim determinados tipos de conteúdos (Kupcová et al., 2024) e fazendo com que a criança só esteja exposta a conteúdo seguro (Alguliyev et al., 2022).

### **1.9.3 Educação e Consciencialização**

Programas que educam e propagam a consciencialização acerca do *grooming online*, têm-se vindo a demonstrar importantes no que toca à sua prevenção (Kupcová et al., 2024) tendo como principais alvos não só as crianças, como os pais e educadores sobre como navegar de forma segura no mundo digital (Walsh et al., 2022). São desenvolvidos então programas educacionais, que almejam ensinar as crianças como navegar digitalmente de forma segura e como reconhecer e denunciar casos de *grooming online*, caso venham a experienciar (Kupcová et al., 2024). Por fim, são também realizados workshops para os pais, que consistem em educar os mesmos sobre como monitorar as atividades *online* dos filhos (Kupcová et al., 2024), assim como auxiliá-los a reconhecer os sinais do *grooming online*, e a proporcionar uma conversa aberta entre filhos e progenitores (Walsh et al., 2022).

Contudo, de acordo com Wolak (2008), este menciona que a prevenção deve focar-se mais no jovem do que propriamente nos pais, visto que estes se demonstram preocupados com a temática, assim, muitas das estratégias de prevenção são realizadas diretamente para os progenitores. Estes adolescentes que foram vítimas deste tipo de abuso, podem não ser recetivos a certas estratégias que são adotadas pelos pais, devido à sua preocupação, como supervisão e controlo. Algumas formas de como esta prevenção pode ser direcionada para os jovens, é por exemplo, meios de comunicação, autoridades e até mesmo outros jovens.

Ainda segundo Wolak (2008), este defende que as medidas de prevenção devem-se focar em preocupações que sejam importantes para os jovens, como autonomia, romance e sexo. É importante que as abordagens de prevenção tenham em conta o desenvolvimento dos jovens, e que é normal que estes tenham curiosidade, desejos e sentimentos sexuais e que aceitem o que acontece muitas vezes, pois estas abordagens acabam por colocar de lado estas conversas sobre temas sexuais. É necessário que os jovens entendam que é normal sentirem sentimentos intensos relacionados a práticas sexuais, e que apenas é errado os adultos tentarem tirar vantagens e provocarem esse tipo de sentimentos nos jovens.

## **2 Contribuição empírica**

### **2.1 Proposta de intervenção**

Este projeto foi pensado no sentido de melhorar o conhecimento e o combate face ao fenómeno do *grooming online*. Consiste num programa de prevenção destinado aos alunos dos 14 aos 15 anos de uma escola básica. Sendo este um fenómeno em constante evolução (Wefers et al., 2024), há uma necessidade de sensibilizar cada vez mais os jovens para uma maior cautela no que toca ao uso da *internet* e das redes sociais. Apesar de ser um fenómeno em evolução, ainda existem muitos menores que não têm conhecimento de que esta prática é, na realidade, uma forma de abuso sexual, por isso é fulcral desenvolver literacia acerca desta prática criminal para que estes possam desenvolver ferramentas que os permitam identificar eventuais situações de *grooming* e como agir perante estas. Segundo o estudo exploratório de Branca et al. (2016), para compreender a prevalência do *grooming online*, concluiu-se que cerca de 20,5% dos menores já tinham sofrido deste tipo de abuso. Para além do contexto familiar, a escola é o lugar onde os menores passam a maior parte do seu tempo, o que a torna o espaço privilegiado para a implementação de programas de prevenção. Os adolescentes estão propensos ao *grooming online* pelo facto de estarem na fase da adolescência e haver uma predisposição para a exploração sexual, o que os pode fazer mais vulneráveis ao *grooming online*. Por isso, devido a estes dois aspetos, procedeu-se à escolha dos alunos da escola básica de Boliqueime, com idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos.

### **2.2 Objetivo geral e objetivos específicos**

O presente estudo terá como objetivo geral, a prevenção do aliciamento sexual de menores através da *internet*.

Num âmbito mais específico pretende-se:

1. Compreender o conceito do *grooming online*;
2. Identificar as estratégias dos ofensores;
3. Combater o estigma associado à curiosidade sobre a sexualidade que surge na fase da adolescência, colmatando sentimentos de vergonha e culpa;
4. Promover competências para identificar futuras situações de *grooming online*, antes destas ocorrerem.

### 2.3 Método

Evidenciou-se que os adolescentes podem sentir-se mais à vontade para falar sobre esta temática com outros jovens do que propriamente adultos (Wolak, 2008; Gemara, Mishna & Katz, 2023). Por essa razão, o método que irá ser utilizado para desenvolver esta investigação será a educação entre pares. A educação entre pares, segundo Sakru et al (2023) caracteriza-se por um modelo educativo que tem como objetivo promover a mudança de comportamentos, conhecimentos e atitudes em grupos de pessoas que apresentem determinadas características equivalentes, como idade, nível de escolaridade e estatuto social. Um par caracteriza-se por uma pessoa, que de alguma forma apresenta alguma característica em comum com o outro, podendo ser idade, género, história de vida, entre outros (Abdi e Simbar, 2013) Neste caso, a característica que estará em comum, será a idade aproximada entre os estudantes universitários e os alunos do ensino básico, e também por ambos serem estudantes.

Primeiramente, será realizada uma sessão introdutória, a dinamizar por 3 alunos da Universidade Fernando Pessoa do Curso de Criminologia com professores que lecionam a disciplina de Cidadania, às turmas do 9.º ano da Escola Básica Aníbal Cavaco Silva de Boliquiteime. Nesta primeira sessão, os professores serão informados dos objetivos que se pretendem atingir, assim como das atividades que posteriormente serão realizadas juntamente com os alunos.

Assim, nas horas semanais da disciplina de Cidadania, serão implementadas sessões sobre o fenómeno do *grooming online*. Estas sessões, partindo do pressuposto que cada turma tem aproximadamente 30 alunos, cada turma será dividida em três grupos, ficando cada jovem universitário encarregue de um grupo de 10 adolescentes. O objetivo da repartição das turmas, será o de fomentar uma relação de confiança e de proximidade entre aluno e estudante universitário. Assim, as sessões abordarão sempre uma temática diferente acerca do conceito, começando com uma pequena palestra para a turma inteira sobre a temática desse dia. Após a palestra, os grupos serão repartidos, juntamente com cada estudante universitário, onde será debatido a temática sobre o que foi abordado.

Ao longo das diversas sessões serão realizadas várias atividades, introduzindo primeiramente uma sessão de “quebra gelo”, com o intuito de estabelecer uma relação

Do outro lado do ecrã: o aliciamento sexual de menores através da *internet*

de intimidade e confiança, para que os adolescentes se sintam confortáveis em falar sobre a temática e até mesmo a partilhar as suas experiências. Outras atividades que irão ser realizadas, serão um questionário interativo (kahoot), de forma a obter conhecimento sobre a navegação dos alunos no mundo digital e o seu conhecimento sobre o fenómeno do *grooming online*. Será ainda construída uma caixa de perguntas anónimas, para que os alunos se sintam confortáveis em fazer perguntas sobre a temática do *grooming online* e da sexualidade.

### **2.3.1 Participantes**

Os participantes que irão fazer parte deste projeto serão 3 estudantes do curso de criminologia, devidamente informados sobre a temática do *grooming online*, assim como os alunos das turmas do 9.º ano da Escola Básica Prof. Aníbal Cavaco Silva, com idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos.

### **2.3.2 Instrumentos e materiais**

Em relação aos instrumentos e materiais, estes não serão de custo elevado. Será necessário o uso de um projetor para a realização das palestras, assim como os telemóveis de cada aluno para participar em determinadas atividades, tendo ainda em conta, que se houver alunos que não possuam um telemóvel seu, possam recorrer aos computadores da própria escola para poderem realizar as atividades propostas.

### **2.3.3 Procedimentos**

No que diz respeito aos procedimentos a realizar, primeiramente irá proceder-se à redação de um requerimento dirigido à direção da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, com o intuito de submeter o presente trabalho à Comissão de ética, a qual irá avaliar as questões éticas associadas ao projeto. Em seguida, irá ser redigido uma carta ao Agrupamento Aníbal Cavaco Silva, solicitando o seu consentimento para a implementação do programa, visto que irá ser utilizado as instalações da escola, bem como será necessário a participação dos alunos, sendo assim necessária a colaboração com o estabelecimento educativo. Após uma resposta positiva por parte do estabelecimento de ensino, irá proceder-se ao contacto com os encarregados de educação dos respetivos alunos que irão participar no programa. A autorização para a participação no programa de prevenção, irá ser enviada

pelos respetivos alunos, com o intuito da sua assinatura para a participação ou não participação no programa.

#### **2.4 Apresentação e discussão dos resultados esperados**

A presente posposta de intervenção em meio escolar, recorrendo à metodologia de educação entre pares, servirá apenas como um exemplo para uma futura intervenção junto de alunos, pelo que não foram levantados nem tratados quaisquer tipos de dados. No decorrer da implementação deste programa de intervenção, é expectável que numa primeira fase inicial de partilha de ideias e de exploração do tema, alguns alunos demonstrem desconhecimento face ao conceito de *grooming online* e à sua existência enquanto fenómeno criminal. Assim, será possível aferir a sua literacia acerca da temática, visto que alguns alunos podem demonstrar perceções erróneas e/ou distorcidas sobre este. É ainda expectável que à medida que as temáticas forem sendo debatidas, alguns participantes possam vir a identificar se já viveram situações de *grooming online*, ou se poderão estar a vivenciá-las, passando a compreender que os diálogos entre ofensores e vítimas, apenas se configuram uma forma de gratificação sexual para o ofensor, não estando relacionado com quaisquer sentimentos de amor, preocupação ou interesse. Neste sentido, pretende-se capacitar os intervenientes de ferramentas que os auxiliem a identificar comportamentos de risco de forma a agir perante estas situações, procurando ajuda.

O recurso a ferramentas pedagógicas dinâmicas, como um questionário interativo (kahoot), e a caixa de perguntas anónimas, serão peças fundamentais para o desenvolvimento de um espaço seguro e participativo. Ao utilizar estas ferramentas, será possível abordar esta temática de forma mais leve, porém sem desvalorizar o impacto que esta pode causar. Estas metodologias ajudam a criar um ambiente livre de julgamentos, possibilitando uma participação ativa e promovendo um diálogo aberto entre os alunos, sem quaisquer receios. Pretende-se ainda que os participantes compreendam que estão numa fase de desenvolvimento em que é normal experienciar curiosidade sobre a sexualidade. Caso já tenham experienciado alguma situação onde mantiveram conversas de teor sexual com um adulto, é fundamental que não interiorizem sentimentos de culpa ou vergonha, pois a culpa recai sobre o adulto e não sobre os menores.

No final, irá ser proposto a elaboração de posters informativos, que serão posteriormente afixados nos diferentes espaços do estabelecimento escolar, com o intuito de não só avaliar o grau de conhecimento e compreensão sobre as temáticas abordadas ao longo das sessões, bem como promover a sensibilização da restante comunidade escolar, ampliando assim o impacto da intervenção. Em suma, espera-se que esta proposta de intervenção em ambiente escolar, contribua para a aquisição de conhecimentos sobre *grooming online*, mas também para a obtenção de ferramentas essenciais que permitam o desenvolvimento de competências a nível social e digital, para a própria autoproteção dos alunos, levando-os a agir de forma responsável, segura e consciente no mundo virtual.

### **Conclusão**

O presente trabalho permitiu aprofundar os conhecimentos sobre o fenómeno do *grooming online*, assim como as suas dimensões, estratégias e impactos. Foi possível observar ao longo da realização deste trabalho, com toda a literatura analisada, que o *grooming online* é de facto um conceito multifacetado e de grande complexidade. O facto deste se desenvolver no mundo *online*, dificulta cada vez mais a sua compreensão, visto que o espaço digital está em constante mudança, proporcionando assim, formas cada vez mais inteligentes e complexas de praticar o *grooming online*. Foi possível identificar também, que determinados adolescentes, ficam mais propensos ao *grooming online*, seja por características pessoais, psicológicas, familiares e habitacionais. Os impactos das mesmas, debilitam de forma profunda as vítimas, fazendo com que estas levem consigo para a sua vida adulta as consequências desta prática, como por exemplo, problemas psicológicos relacionados com ansiedade e perturbação pós-traumática, e até mesmo implicações a nível relacional e social.

A proposta empírica neste trabalho foi desenhada pelo facto de que, durante a pesquisa para a realização do projeto de graduação, não foi identificado nenhum projeto de prevenção que envolvesse a educação entre pares como metodologia. Apesar da proposta de intervenção não ter obtido resultados, defende-se que a adoção de mais programas de prevenção que utilizem esta metodologia seria uma mais-valia. Isto permitiria não só confirmar o seu sucesso, como para fomentar o conhecimento deste fenómeno no contexto escolar, alertando cada vez mais os professores, progenitores e alunos para um cuidado cada vez mais persistente sobre esta temática.

Em suma, a *internet* e as plataformas digitais vieram adicionar uma variante de complexidade ao fenómeno do *grooming online*, que antes não existia, tornando-se assim mais difícil de colmatar. Tal dificuldade advém da natureza das suas características, como o recurso ao anonimato, a variedade e quantidade de vítimas a que o ofensor tem acesso, assim como uma capacidade para aliciar crianças através dos meios de comunicação, podendo estar em qualquer lugar do mundo. Assim, é necessário continuar a desenvolver estudos sobre o *grooming online* e investir no desenvolvimento contínuo de programas de prevenção, para mitigar a proliferação deste fenómeno. A cada dia que passa, a sociedade está cada vez mais desenvolvida tecnologicamente, e conseqüentemente o fenómeno do *grooming online* terá estratégias cada vez mais sofisticadas, exigindo assim uma adaptabilidade das respostas

## Referências Bibliográficas

- Abdi, F., & Simbar, M. (2013). The peer education approach in adolescents-narrative review article. *Iranian journal of public health*, 42(11), 1200. <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC4499060/>
- Alguliyev, R. M., Abdullayeva, F. J., & Ojagverdiyeva, S. S. (2022). Image-based malicious Internet content filtering method for child protection. *Journal of Information Security and Applications*, 65, 103123. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2214212622000151>
- Araújo, J., Manita, C., & Sani, A. (2025). Revisão integrativo sobre o online grooming: Da conceptualização à compreensão do processo de aliciamento de crianças e adolescentes. Juruá, *Introdução à psicologia forense* (197-210), Juruá. [https://www.researchgate.net/publication/390929225\\_REVISAO\\_INTEGRATIVA\\_SO\\_BRE\\_O\\_ONLINE\\_GROOMING\\_DA\\_CONCEPTUALIZACAO\\_A\\_COMPREENSAO\\_DO\\_PROCESSO\\_DE\\_ALICIAMENTO\\_DE\\_CRIANCAS\\_E\\_ADOLESCENTES](https://www.researchgate.net/publication/390929225_REVISAO_INTEGRATIVA_SO_BRE_O_ONLINE_GROOMING_DA_CONCEPTUALIZACAO_A_COMPREENSAO_DO_PROCESSO_DE_ALICIAMENTO_DE_CRIANCAS_E_ADOLESCENTES)
- Barbosa, C. I. S. (2018). Grooming sexual online: Modalidades, motivações, estratégias e dinâmicas de aliciamento de menores [Tese de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório aberto da universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/116841/2/298607.pdf>
- Berens, K. A., Bruer, K. C., Schick, K. D., Evans, A. D., & Price, H. L. (2023). A taxonomy of groomer profiles: Comparisons of in-person, online, and mixed groomers through the examination of canadian judicial decisions. *Child Abuse & Neglect*, 145, 106407. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0145213423003952>
- Berson, I. R. (2003). Grooming cybervictims: The psychosocial effects of online exploitation for youth. *Journal of School Violence*, 2(1), 5-18. [https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J202v02n01\\_02](https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J202v02n01_02)
- Blakemore, S. J., & Choudhury, S. (2006). Development of the adolescent brain: implications for executive function and social cognition. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47, 296-312. <https://acamh.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1469-7610.2006.01611.x>
- Branca, C. M. C., Grangeia, H., & Cruz, O. (2016). Grooming online em Portugal: Um estudo exploratório. *Análise Psicológica*, 34(3), 249-263. <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/978>
- Briggs, P., Simon, W. T., & Simonsen, S. (2011). An exploratory study of Internet-initiated sexual offenses and the chatRoom sex Offender: has the Internet enabled a new typology of sex offender?. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 27(1), 72-91. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1079063210384275>

Cheung, C. M., Wong, R. Y. M., & Chan, T. K. (2021). Online disinhibition: conceptualization, measurement, and implications for online deviant behavior. *Industrial Management & Data Systems*, 121(1), 48-64. <https://www.emerald.com/imds/article-abstract/121/1/48/187111/Online-disinhibition-conceptualization-measurement?redirectedFrom=fulltext>

Chiang, E., & Grant, T.(2017). Online grooming: moves and strategies. *Language and Law*,4(1),103-141. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15658.pdf>

Coulton, C. J., Korbin, J. E., & Su, M. (1999). Neighborhoods and child maltreatment: A multi-level study. *Child abuse & neglect*, 23(11), 1019-1040. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0145213499000769>

Craven, S., Brown, S., & Gilchrist, E.(2006). Sexual grooming of children: Review of literature and theoretical considerations. *Journal of Sexual Aggression*,12(3),287-299. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13552600601069414>

Davidson, J., & Gottschalk, P. (2011). Internet Child Abuse: Current Research and Policy. In J.Davidson & P.Gottschalk (Eds.), *Internet child Abuse: current research and policy* ,GlassHouse. <https://www.routledge.com/Internet-Child-Abuse-Current-Research-and-Policy/DavidsonGottschalk/p/book/9780415697804?srsId=AfmBOooOPe1ZSEsJ-LAzAwuIFsgxg0EqgpSSnsluONy0BxR8smxiL4Ec>

Dombrowski, S. C., LeMasney, J. W., Ahia, C. E., & Dickson, S. A.(2004). Protecting Children From Online Sexual Predators: Technological, Psychoeducational, and Legal Considerations. *Professional Psychology: Research and Practice*,35(1),65-73. [https://www.researchgate.net/publication/228811556\\_Protecting\\_Children\\_From\\_Online\\_Sexual\\_Predators\\_Technological\\_Psychoeducational\\_and\\_Legal\\_Considerations](https://www.researchgate.net/publication/228811556_Protecting_Children_From_Online_Sexual_Predators_Technological_Psychoeducational_and_Legal_Considerations)

Doran, G. T. (1981). There's a S.M.A.R.T. way to write management's goals and objectives. *Management Review*, 70, 35-36. <https://community.mis.temple.edu/mis0855002fall2015/files/2015/10/S.M.A.R.T-Way-Management-Review.pdf>

Douglas, E. M., & Finkelhor, D. (2005). Childhood sexual abuse fact sheet. [https://www.unh.edu/ccrc/sites/default/files/media/2022-03/childhood-sexual-abuse-fact-sheet\\_0.pdf](https://www.unh.edu/ccrc/sites/default/files/media/2022-03/childhood-sexual-abuse-fact-sheet_0.pdf)

Evianne L. van Gijn-Grosvenor & Michael E. Lamb (2021).Online groomer typology scheme, *Psychology, Crime & Law*,27(1). [https://www.researchgate.net/publication/348780501\\_Online\\_groomer\\_typology\\_scheme](https://www.researchgate.net/publication/348780501_Online_groomer_typology_scheme)

Gemara, N., Mishna, F., & Katz, C. (2025). 'If my parents find out, I will not see my phone anymore': Who do children choose to disclose online sexual solicitation to?. *Child & Family Social Work*, 30(1), 4-14. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/cfs.13069>

Gillespie, A. A. (2004). Tackling grooming. *The Police Journal*, 77(3), 239-255. <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1350/pojo.77.3.239.54092>

Halbouni, A., Gunawan, T. S., Habaebi, M. H., Halbouni, M., Kartiwi, M., & Ahmad, R. (2022). Machine learning and deep learning approaches for cybersecurity: A review. *IEEE Access*, 10, 19572-19585. <https://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/9712274>

Ioannou, M., Synnott, J., Reynolds, A., & Pearson, J. (2018). A comparison of online and offline Grooming characteristics: An application of the victim roles model. *Computers in Human Behavior*, 85, 291-297.

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563218301754>

Irwin, C. E., Burg, S. & Cart, C. U. (2002). America's adolescents: where have we been, where are we going?. *Journal of Adolescent Health*, 31(6), 91-121. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1054139X02004895?via%3Dihub>

Kloess, J. A., Seymour-Smith, S., Hamilton-Giachritsis, C. E., Long, M. L., Shipley, D., & Beech, A. R. (2017). A qualitative analysis of offenders' modus operandi in sexually exploitative interactions with children online. *Sexual Abuse*, 29(6), 563-591. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1079063215612442>

Kupcová, E., Pleva, M., Haluška, R., Sokolová, Z., Gajdoš, P., & Bours, P. (2024, October). Inmk, In 2024 International Conference on Emerging eLearning Technologies and Applications (ICETA) (pp. 1-6). IEEE. <https://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/10850852>

Lally, L., Webb, I., & Quayle, E. (2024). Risk factors as indicators for online child sexual abuse: A systematic review. *Irish Journal of Applied Social Studies*, 24(2), 6. <https://arrow.tudublin.ie/ijass/vol24/iss2/6/>

Lanning, K. (2018). The evolution of grooming: Concept and term. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(1), 5-16. <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0886260517742046>

Livingstone, S., & Helsper, E. J. (2007). Taking risks when communicating on the Internet: The role of offline social-psychological factors in young people's vulnerability to online risks. *Information, Communication & Society*, 10(5), 619-644. [https://www.researchgate.net/publication/30524156\\_Taking\\_risks\\_when\\_communicating\\_on\\_the\\_Internet\\_The\\_role\\_of\\_offline\\_social-psychological\\_factors\\_in\\_young\\_people's\\_vulnerability\\_to\\_online\\_risks](https://www.researchgate.net/publication/30524156_Taking_risks_when_communicating_on_the_Internet_The_role_of_offline_social-psychological_factors_in_young_people's_vulnerability_to_online_risks)

Livingstone, S., Bober, M., & Helsper, E. J. (2005). Active participation or just more information? Young people's take-up of opportunities to act and interact on the Internet. *Information, Community & Society*, 8(3), 287-314. [https://www.researchgate.net/publication/263040778\\_Active\\_Participation\\_Or\\_Just\\_More\\_Information](https://www.researchgate.net/publication/263040778_Active_Participation_Or_Just_More_Information)

Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A., & Ólafsson, K. (2011a). EU Kids Online: final report 2011. [https://www.researchgate.net/publication/233794771\\_EU\\_Kids\\_Online\\_II\\_final\\_report\\_2011](https://www.researchgate.net/publication/233794771_EU_Kids_Online_II_final_report_2011)

Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A., & Ólafsson, K. (2011b). Risks and safety on the internet: the perspective of European children: full findings and policy implications from the EU Kids Online survey of 9-16 year olds and their parents in 25 countries. [https://www.researchgate.net/publication/50902989\\_Risks\\_and\\_Safety\\_on\\_the\\_Internet\\_The\\_Perspective\\_of\\_European\\_Children\\_Full\\_FINDINGS](https://www.researchgate.net/publication/50902989_Risks_and_Safety_on_the_Internet_The_Perspective_of_European_Children_Full_FINDINGS)

Martellozzo, E. (2013). Online child sexual abuse: Grooming, policing and child protection in a multi-media world. Routledge. <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9780203124116/online-child-sexual-abuse-elena-martellozzo>

McAlinden, A. M. (2006). 'Setting'Em Up': Personal, familial and institutional grooming in the sexual abuse of children. *Social & Legal Studies*, 15(3), 339-362. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0964663906066613>

Mccloskey, L. A., & Bailey, J. A. (2000). The intergenerational transmission of risk for child sexual abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 15(10), 1019-1035. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/088626000015010001>

Mitchell, K. J., Finkelhor, D., & Wolak, J. (2001). Risk factors for and impact of online sexual solicitation of youth. *Jama*, 285(23), 3011-3014. <https://jamanetwork.com/journals/jama/fullarticle/193923>

Mitchell, K. J., Finkelhor, D., & Wolak, J. (2007). Online requests for sexual pictures from youth: Risk factors and incident characteristics. *Journal of Adolescent Health*, 41(2), 196-203. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1054139X07001796?via%3Dihub>

Mitchell, K. J., Ybarra, M., & Finkelhor, D. (2007). The relative importance of online victimization in understanding depression, delinquency, and substance use. *Child maltreatment*, 12(4), 314-324. [https://www.researchgate.net/publication/5890718\\_The\\_Relative\\_Importance\\_of\\_Online\\_Victimization\\_in\\_Understanding\\_Depression\\_Delinquency\\_and\\_Substance\\_Use](https://www.researchgate.net/publication/5890718_The_Relative_Importance_of_Online_Victimization_in_Understanding_Depression_Delinquency_and_Substance_Use)

Mueller-Coyne, J., Voss, C., & Turner, K. (2022). The impact of loneliness on the six dimensions of online disinhibition. *Computers in Human Behavior Reports*, 5, 100169. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2451958822000033>

Munro, E. R. (2011). The protection of children online: a brief scoping review to identify vulnerable groups. [https://www.researchgate.net/publication/264490915\\_The\\_protection\\_of\\_children\\_online\\_A\\_brief\\_scoping\\_review\\_to\\_identify\\_vulnerable\\_groups](https://www.researchgate.net/publication/264490915_The_protection_of_children_online_A_brief_scoping_review_to_identify_vulnerable_groups)

O'Connell, R. (2003). A typology of child cyberexploitation and online grooming practices. Cyberspace Research Unit, University of Central Lancashire. <https://image.guardian.co.uk/sys-files/Society/documents/2003/07/17/Groomingreport.pdf>

Ofcom. (2008). Media literacy audit: Report on UK children's media literacy. [https://www.ofcom.org.uk/siteassets/resources/documents/research-and-data/media-literacy-research/children/media-lit-2010/ml\\_childrens08.pdf](https://www.ofcom.org.uk/siteassets/resources/documents/research-and-data/media-literacy-research/children/media-lit-2010/ml_childrens08.pdf)

Peter, J., Valkenburg, P. M., & Schouten, A. P. (2006). Characteristics and motives of adolescents talking with strangers on the Internet. *CyberPsychology & Behavior*, 9(5), 526-530.

[https://www.researchgate.net/publication/6761613\\_Characteristics\\_and\\_Motives\\_of\\_Adolescents\\_Talking\\_with\\_Strangers\\_on\\_the\\_Internet](https://www.researchgate.net/publication/6761613_Characteristics_and_Motives_of_Adolescents_Talking_with_Strangers_on_the_Internet)

Quayle, E., & Jones, T. (2011). Sexualized Images of Children on the Internet. *Sexual Abuse*, 23(1), 7-21. <https://journals.sagepub.com/doi/epdf/10.1177/1079063210392596>

Quayle, E., Jonsson, L., & Löf, L. (2012). Online behaviour related to child sexual abuse. Interviews with affected young people. ROBERT, Risktaking online behaviour, empowerment through research and training. European Union & Council of the Baltic Sea States. [https://childrenatrisk.cbss.org/wp-content/uploads/sites/10/2020/12/Interviews\\_with\\_affected\\_young\\_people.pdf](https://childrenatrisk.cbss.org/wp-content/uploads/sites/10/2020/12/Interviews_with_affected_young_people.pdf)

Rezaee Borj, P., Raja, K., & Bours, P. (2023, April). Detecting online grooming by simple contrastive chat embeddings. In *Proceedings of the 9th ACM international workshop on security and privacy analytics* (pp. 57-65). <https://dl.acm.org/doi/abs/10.1145/3579987.3586564>

Sakru, N., Aldi, F. I., Cakmakci, B., Arabaci, F., & Afyoncu, E. (2023). Peer education model in Trakya university faculty of medicine. *BMC Medical Education*, 23(1), 733. <https://link.springer.com/article/10.1186/s12909-023-04739-7>

Sani, A. I., Vara, M., & Pimenta Dinis, M. A. (2024). Online Sexual Grooming of Children: Psychological and Legal Perspectives for Prevention and Risk Management. In G. Borges, A. Guerreiro, & M. Pina (Eds.), *Modern Insights and Strategies in Victimology* (pp. 25-55). [https://www.researchgate.net/publication/379178851\\_Online\\_Sexual\\_Grooming\\_of\\_Children\\_Psychological\\_and\\_Legal\\_Perspectives\\_for\\_Prevention\\_and\\_Risk\\_Management](https://www.researchgate.net/publication/379178851_Online_Sexual_Grooming_of_Children_Psychological_and_Legal_Perspectives_for_Prevention_and_Risk_Management)

(PDF) Gamificación: Estrategia preventiva de ciberseguridad para sexting y grooming. Available from: [https://www.researchgate.net/publication/383045246\\_Gamificacion\\_Estrategia\\_preventiva\\_de\\_ciberseguridad\\_para\\_sexting\\_y\\_grooming](https://www.researchgate.net/publication/383045246_Gamificacion_Estrategia_preventiva_de_ciberseguridad_para_sexting_y_grooming) [accessed Jul 22 2025].

Sciacca, B., Laffan, D. A., Norman, J. O. H., & Milosevic, T. (2022). Parental mediation in pandemic: Predictors and relationship with children's digital skills and time spent

online in Ireland. *Computers in Human Behavior*, 127, 107081.  
<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563221004040>

Schmidt, F., Varese, F., & Bucci, S.(2023)Understanding the prolonged impact of online sexual abuse occurring in childhood. *Front. Psychol*,14,01-10.  
[https://www.researchgate.net/publication/374967218\\_Understanding\\_the\\_prolonged\\_impact\\_of\\_online\\_sexual\\_abuse\\_occurring\\_in\\_childhood](https://www.researchgate.net/publication/374967218_Understanding_the_prolonged_impact_of_online_sexual_abuse_occurring_in_childhood)

Söderström, S. (2009). The significance of ICT in disabled youth's identity negotiations. *Scandinavian Journal of Disability Research*, 11(2), 131-144.  
[https://www.researchgate.net/publication/232816225\\_The\\_significance\\_of\\_ICT\\_in\\_disabled\\_youth's\\_identity\\_negotiations](https://www.researchgate.net/publication/232816225_The_significance_of_ICT_in_disabled_youth's_identity_negotiations)

Soto, C. J., John, O., Gosling, S. D., & Potter, J.(2010). Age differences in personality traits from 10 to 65: Big five domains and facets in a large cross-sectional sample. *Journal of Personality and Social Psychology*,100(2),330-348.  
[https://www.researchgate.net/publication/49696299\\_Age\\_Differences\\_in\\_Personality\\_Traits\\_From\\_10\\_to\\_65\\_Big\\_Five\\_Domains\\_and\\_Facets\\_in\\_a\\_Large\\_Cross-Sectional\\_Sample](https://www.researchgate.net/publication/49696299_Age_Differences_in_Personality_Traits_From_10_to_65_Big_Five_Domains_and_Facets_in_a_Large_Cross-Sectional_Sample)

Suldo, S. M., & Huebner, E. S. (2006). Is extremely high life satisfaction during adolescence advantageous?. *Social indicators research*, 78, 179-203.  
<https://link.springer.com/article/10.1007/s11205-005-8208-2>

Suler, J.(2004).The online disinhibition Effect. *Cyberpsychology & behavior: the impact of the Internet, multimedia and virtual reality on behavior and society*,7(3), 321-326.  
[https://www.researchgate.net/publication/8451443\\_The\\_Online\\_Disinhibition\\_Effect](https://www.researchgate.net/publication/8451443_The_Online_Disinhibition_Effect)

Suseg, H., Grødem, A. S., Valset, K., & Mossige, S. (2008). Seksuelle krenkelser via nettet-hvor stort er problemet?.  
[https://www.researchgate.net/publication/253193173\\_Seksuelle\\_krenkelser\\_via\\_nettet\\_-\\_hvor\\_stort\\_er\\_problemet](https://www.researchgate.net/publication/253193173_Seksuelle_krenkelser_via_nettet_-_hvor_stort_er_problemet)

Walsh, K., Pink, E., Ayling, N., Sondergeld, A., Dallaston, E., Tournas, P., ... & Rogic, N. (2022). Best practice framework for online safety education: Results from a rapid review of the international literature, expert review, and stakeholder consultation. *International journal of child-computer interaction*, 33, 100474.  
<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212868922000150>

Ward, K., & Keenan, T.(1999).Child molesters' implicit theories.*Journal of Interpersonal Violence*,14(8),821-838).  
<https://journals.sagepub.com/doi/epdf/10.1177/088626099014008003>

Webster, S., Davidson, J., Bifulco, A., Gottschalk, P., Caretti, V., Pham, T., Grove-Hills, J., Turley, C., Tompkins, C., Ciulla, S., Milazzo, V., Schimmenti, A., & Craparo, G. (2012). European Online Grooming Project: Final report. European Commission Safer Internet Programme.

[https://www.researchgate.net/publication/257941820\\_European\\_Online\\_Grooming\\_Project\\_-\\_Final\\_Report](https://www.researchgate.net/publication/257941820_European_Online_Grooming_Project_-_Final_Report)

Whittle, H., Giachritsis, C. H., Beech, A., & Collings, G. (2013a). A review of young people's vulnerabilities to online grooming. *Aggression and Violent Behavior*, 18(1), 135-146. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S135917891200122X>

Whittle, H., Hamilton-Giachritsis, C., Beech, A., & Collings, G. (2013b). A review of online grooming: Characteristics and concerns. *Aggression and violent behavior*, 18(1), 62-70.

[https://researchportal.bath.ac.uk/files/145648608/Whittle\\_et\\_al\\_2013\\_Grooming\\_final\\_text\\_jan\\_2013.pdf](https://researchportal.bath.ac.uk/files/145648608/Whittle_et_al_2013_Grooming_final_text_jan_2013.pdf)

Whittle, H. C., Hamilton-Giachritsis, C. E., & Beech, A. R. (2014). "Under his spell": Victims' perspectives of being groomed online. *Social Sciences*, 3(3), 404-426. <https://researchportal.bath.ac.uk/en/publications/under-his-spell-victims-perspectives-of-being-groomed-online>

Wolak, J., Finkelhor, D., & Mitchell, K. (2004). Internet-initiated sex crimes against minors: Implications for prevention based on findings from a national study. *Journal of adolescent health*, 35(5), 424-e11. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1054139X04001715>

Wolak, J., Finkelhor, D., Mitchell, K. J., & Ybarra, M. L. (2008). Online "predators" and their victims: myths, realities, and implications for prevention and treatment. *The American psychologist*, 63(2), 111–128. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.63.2.111>

World Health Organization. (2017). Responding to children and adolescents who have been sexually abused: WHO clinical guidelines. World health organization. <https://www.who.int/publications/i/item/9789241550147>